

**MULTILINGUISMO E MIGRAÇÃO DO POVO HUNI KUIN A PARTIR DO  
FILME AS VOLTAS DO KENE**

José Mauro Souza Uchoa<sup>1</sup>  
Vera Lúcia de Magalhães Bambirra<sup>2</sup>  
Alexandra Bruch Deitos<sup>3</sup>  
Raquel Nascimento Barroso<sup>4</sup>  
Rodrigo Moreira Andrade<sup>5</sup>

**RESUMO**

O artigo analisa as transformações sociais e culturais decorrentes dos processos migratórios do povo Huni Kuin, evidenciando as tensões linguísticas e culturais que emergem nesse contexto, com base na teoria bakhtiniana e seus conceitos de *dialogismo*, *heteroglossia* e *enunciado*. Por meio da análise do filme *As Voltas do Kene*, dirigido por Zezinho Yube, e das falas de Joaquim Maná, o estudo explora como as práticas comunicativas e culturais dos huni kuin se transformam, adaptam e ressignificam em resposta aos desafios históricos e sociais. O filme aborda a retomada da memória e das práticas culturais do povo Huni Kuin, com ênfase na arte gráfica tradicional do kene, destacando como essa tradição resiste às mudanças impostas pelos processos migratórios forçados, iniciados durante o ciclo da borracha. A análise sugere que o multilinguismo emerge como uma forma de resistência cultural, na qual as línguas se recriam diante de novas condições sociais e históricas. Além disso, o artigo discute como o filme retrata a luta Huni Kuin para manter sua identidade cultural em um contexto de migração e contato com outras culturas, evidenciando as tensões entre a preservação das tradições e as transformações impostas pela modernidade. O estudo adota uma metodologia bibliográfica, complementada pela análise do filme e pelos depoimentos de líderes indígenas.

**Palavras-chave:** teoria bakhtiniana, multilinguismo, migração, povo Huni Kuin, kene

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem e professor no Programa de Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL) da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta. E-mail: jose.uchoa@ufac.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Acre e no Programa de Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL) E-mail: vera.bambirra@ufac.br

<sup>3</sup> Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo PPEHL, na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta como bolsista (CAPES/DS). E-mail: xandeitos@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo PPEHL, na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta. Professora, licenciatura plena em Língua Inglesa e suas literaturas (UFAC), especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UFAC), Educação especial inclusiva (FAMINAS). E-mail: raquelnascimentoczs@gmail.com

<sup>5</sup> Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo PPEHL, na Universidade Federal do Acre, Campus Floresta. Professor, licenciatura plena em Biologia (UVA), especialista em CNT e matemática (UFPI). E-mail: rodrigo.bioczs@gmail.com

**MULTILINGUALISM AND MIGRATION OF THE HUNI KUIN PEOPLE IN  
THE FILM *AS VOLTAS DO KENE*****ABSTRACT**

The article analyzes the social and cultural transformations resulting from the migratory processes of the Huni Kuin people, highlighting the linguistic and cultural tensions that emerge in this context, based on Bakhtinian theory and its concepts of dialogism, heteroglossia, and utterance. Through the analysis of the film *As Voltas do Kene*, directed by Zezinho Yube, and the statements of Joaquim Maná, the study explores how the communicative and cultural practices of the Huni Kuin transform, adapt, and find new meanings in response to historical and social challenges. The film addresses the revival of the memory and cultural practices of the Huni Kuin people, emphasizing their traditional graphic art, *kene*, and highlighting how this tradition resists the changes imposed by forced migratory processes initiated during the rubber boom. The analysis suggests that multilingualism emerges as a form of cultural resistance, where languages are recreated in response to new social and historical conditions. Furthermore, the article discusses how the film portrays the Huni Kuin struggle to maintain their cultural identity in a context of migration and interaction with other cultures, highlighting the tensions between preserving traditions and adapting to the transformations imposed by modernity. The study adopts a bibliographic methodology, complemented by film analysis and testimonies from indigenous leaders.

**Keywords:** Bakhtinian theory, multilingualism, migration, Huni Kuin people, *kene*

**1INTRODUÇÃO**

A elaboração do presente artigo surge diretamente da experiência vivenciada pelos autores durante o programa de mestrado, especialmente no contexto da disciplina Práticas de Linguagens e Ensino, ministrada pelo Prof. Dr. José Mauro Souza Uchoa. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens - PPEHL, da Universidade Federal do Acre, essa disciplina proporciona um espaço de reflexão e produção acadêmica que fomenta a articulação teórica e prática entre as temáticas abordadas no curso e as experiências socioculturais regionais. Assim, o artigo reflete o compromisso do PPEHL em valorizar as práticas acadêmicas que dialoguem com questões pertinentes às linguagens, às culturas e às humanidades, evidenciando a interdisciplinaridade que caracteriza essencialmente um programa que é voltado para o ensino.

Nossas vivências no mestrado permitiram uma imersão em discussões aprofundadas sobre multilinguismo, noções de cultura e imaginário e práticas de ensino, oferecendo subsídios teóricos para que as análises desenvolvidas no artigo se estruturassem com rigor acadêmico e relevância prática. Esse processo foi enriquecido também pelas orientações da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia de Magalhães Bambirra, cujo conhecimento em estudos culturais contribuiu de forma significativa para a articulação entre os referenciais teóricos e as práticas socioculturais analisadas. Nesse sentido, o semestre acadêmico, não somente oportunizou o estudo de referenciais teóricos fundamentais, como os de Mikhail Bakhtin (1997), mas também possibilitou a aplicação desses conceitos no contexto dos Huni Kuin, como evidenciado na análise do filme *As Voltas do Kene*, de Zezinho Yube, e nas reflexões sobre o processo migratório e cultural desse povo através da fala do Prof. Dr. Joaquim Maná.

*As Voltas do Kene*, dirigido por Zezinho Yube, oferece um excelente cenário para a análise do multilinguismo e das dinâmicas de migração, especialmente quando considerado à luz da teoria bakhtiniana. O filme narra o processo de retomada da memória e das práticas artístico-culturais do povo Huni Kuin, apontando a complexa relação entre preservação cultural e as transformações geradas pelos processos migratórios. Por meio dessa busca pela retomada do kene, arte gráfica tradicional, o filme apresenta o multilinguismo na trajetória dos Huni Kuin e os desdobramentos resultantes da migração forçada durante o ciclo da borracha e do apagamento histórico subsequente. Todos esses aspectos são também abordados em uma fala de Joaquim Maná que nos serve de base para percorrer e tecer caminhos históricos e teóricos. Aliado a essas análises, trazemos os estudos de Mikhail Bakhtin (1997) como fonte de reflexão e embasamento.

A teoria bakhtiniana surgiu no início do século XX, em meio a um período de intensas transformações sociais e políticas na Rússia, como a Revolução de 1917 e as consequentes mudanças no cenário intelectual europeu. Mikhail Bakhtin (1997), filósofo e crítico literário russo, desenvolveu sua obra entre as décadas de 1920 e 1970, em um contexto marcado por debates sobre a linguagem, a cultura e a sociedade. Assim, sua teoria se destaca por propor uma compreensão da linguagem que vai além das abordagens estruturais e formais, enfatizando seu caráter social, histórico e interativo.

Três conceitos elaborados e desenvolvidos por Bakhtin (1997) devem ser considerados levando em conta o contexto multilinguístico e migratório da presente discussão: o *dialogismo*, a *heteroglossia* e o *enunciado*.

O conceito de dialogismo, segundo Mikhail Bakhtin (1997), supera a ideia de que o discurso é uma expressão isolada de um sujeito; ao contrário, ele defende que toda fala está em constante diálogo com outras vozes, sempre respondendo a discursos anteriores e antecipando respostas futuras. Esse conceito desafia a visão monológica de comunicação, em que uma única verdade ou perspectiva prevalece, propondo, ao invés, que os significados se constroem de maneira relacional e plural. Perspectiva essa que é abordada de maneira mais aprofundada no conceito de heteroglossia (ou polifonia), onde Bakhtin (1997) refere-se à multiplicidade de vozes, línguas e discursos em uma sociedade que coexistem e interagem, cada uma representando uma perspectiva diferente e, por vezes, conflitante. E, por fim, o conceito de enunciado, que para Bakhtin (1997), é o espaço onde as intenções dos interlocutores e as condições sociais convergem para produzir e transformar significados, tornando-se a unidade mínima onde a comunicação verdadeiramente se realiza.

Na análise bakhtiniana, os conceitos de dialogismo, heteroglossia e enunciado se tornam especialmente relevantes quando aplicados ao contexto migratório e multilinguístico do povo Huni Kuin, cujas experiências de deslocamento e contato interétnico refletem a interação contínua entre diferentes vozes e culturas. Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar como as transformações sociais e culturais decorrentes dos processos migratórios dos Huni Kuin revelam tensões linguísticas e transformações culturais. Cada interação, cada manifestação cultural, não é apenas uma repetição do passado, mas um novo enunciado, carregado das tensões e adaptações do presente. A abordagem bakhtiniana sugere que as línguas em uso não se limitam a reproduzir uma cultura intacta, mas que constantemente se recriam em resposta a contextos sociais e históricos diversos, como os das migrações e dos intercâmbios com outros povos. Essa compreensão pode, portanto, ajudar a problematizar a ideia de pureza linguística e cultural, ao revelar como as práticas comunicativas Huni Kuin são espaços de negociação e transformação, onde as tradições são adaptadas, ressignificadas e transmitidas às novas gerações em um cenário multilinguístico e multicultural.

Portanto, nossa abordagem metodológica para esse artigo é baseada em um estudo bibliográfico, com foco na teoria bakhtiniana e sua aplicação aos estudos linguísticos e sociais, articulado com a análise do filme *As Voltas do Kene* de Zezinho Yube e trecho de uma fala de Joaquim Maná. O Professor Doutor Joaquim Maná é indígena Huni Kuin da Terra Indígena Praia do Carapanã, localizada no médio Rio Tarauacá, no Acre.

Zezinho Yube é filho de Maná. Ambos são reconhecidos por suas contribuições à pesquisa e preservação das artes e saberes tradicionais Huni Kuin, além do papel importante na promoção do fortalecimento cultural indígena.

## **2 O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES DO POVO HUNI KUIN**

Abaixo apresentamos um levantamento histórico que se iniciou a partir de uma fala proferida durante a defesa de dissertação do mestrado de Dasu Inu Bake Huni Kuin, no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre, em 2022. A arguição era feita por Joaquim Maná e ele se referia ao seu povo, os Huni Kuin:

Nosso povo tinha território grande, o rio inteiro era nosso território. No entanto, onde você vive, nas pesquisas que foram feitas pelos padres mostra que era nossa região onde morava os Huni Kuin. Depois das brigas, por conta dos maus tratos que eles sofriam, eles tiveram que matar pra não morrer. E aí eles se espalharam. Tanto que hoje nós temos parentes no Peru, que alguns deles que não entendem, que não conhecem essa história, chamam nossos parentes de peruanos. Eles não são peruanos. Eles foram aqui do Acre, foram pra lá em busca de refúgio. Quando chegaram lá foram contactados pelo missionário peruano (Maná, 2022).

No trecho transcrito aqui, Joaquim Maná propõe que os fluxos migratórios desempenharam um papel crucial na configuração atual dos povos Huni Kuin na América do Sul. Historicamente, esse povo ocupava extensas áreas territoriais ao longo dos rios da Amazônia Ocidental, e Maná enfatiza que “o rio inteiro era nosso território”. Contudo, a territorialização dos Huni Kuin sofreu um impacto significativo devido a um intenso processo migratório que teve início no final do século XIX e se estendeu até o início do século XX, em decorrência da exploração da borracha na região.

Desse modo, o processo de migração dos Huni Kuin no final do século XIX deve ser compreendido à luz do impacto do ciclo da borracha na Amazônia. Durante esse período, a chegada de caucheiros e seringalistas à região do atual estado do Acre desencadeou expedições armadas e episódios de violência extrema que visavam a desmobilização dos povos indígenas locais. Conforme destacado por Iglesias e Aquino, 2005, esses ataques, acompanhados de discursos desumanizadores, culminaram na destruição de aldeias e na dispersão dos sobreviventes, que passaram a buscar refúgio em áreas remotas e de difícil acesso, como as cabeceiras dos rios Juruá, Purus e Acre.

Assim, Joaquim Maná, 2022, destaca os conflitos com os seringalistas, que

invadiram os territórios indígenas durante o ciclo da borracha, utilizando violência e práticas de exploração laboral forçada para expropriar as terras. Essa violência e os maus-tratos por parte dos patrões seringalistas resultaram em um estado de tensão e resistência, levando a confrontos armados em que os Huni Kuin foram frequentemente compelidos a defender sua sobrevivência, até mesmo com o uso de força letal.

Esses conflitos, juntamente com a expansão das atividades seringueiras, provocaram a dispersão de várias comunidades indígenas, que se viram forçadas a se deslocar para escapar da violência. Assim, muitos grupos de Huni Kuin migraram para regiões mais isoladas na floresta ou para as cabeceiras dos rios que outrora habitavam. Essa migração não foi uma escolha voluntária, mas uma estratégia de sobrevivência diante da destruição de suas aldeias e da perseguição por parte dos seringalistas. Durante esse deslocamento, alguns grupos buscaram refúgio nas florestas peruanas, onde enfrentaram novos desafios, incluindo o contato com missionários católicos que iniciaram processos de evangelização.

Iglesias e Aquino, 2005, confirmam que diante dessa perseguição, muitos grupos migraram para regiões isoladas, inclusive para o lado peruano, onde se fixaram principalmente nas áreas ao longo dos rios Purus, Curanja e Jordão, bem como em alguns afluentes estratégicos da bacia amazônica, que serviam como rotas de deslocamento e refúgio.

A interação com os missionários no Peru se tornou um fator significativo nesse processo migratório (Maná, 2022). Embora o território peruano não estivesse imerso na exploração da borracha, a presença missionária também trouxe formas de violência que transformaram as dinâmicas culturais dos grupos Huni Kuin. A migração resultou na formação de novas aldeias e comunidades Huni Kuin no Peru, onde seus descendentes habitam até os dias atuais. Ademais, a questão da identificação nacional emerge como um aspecto relevante na história dos Huni Kuin. A designação de "peruanos" a alguns indivíduos reflete uma falta de compreensão histórica sobre a migração forçada que ocorreu. Esses indivíduos não devem ser considerados peruanos no sentido estrito de sua origem cultural ou territorial, pois foram deslocados para além das fronteiras do Brasil devido a pressões externas e à busca por segurança.

Compreende-se então que antes do ciclo da borracha, os Huni Kuin habitavam regiões do Purus e Juruá com uma estrutura social fortemente conectada à floresta e a práticas culturais próprias. No entanto, a chegada dos seringalistas alterou drasticamente

seu modo de vida. Muitos foram submetidos ao trabalho forçado e obrigados a abandonar suas terras tradicionais, dando início a um período traumático de dispersão e perda cultural. Esses rios, além de garantirem o sustento, desempenharam um papel essencial como refúgio contra as ameaças externas, permitindo a reorganização e a preservação de práticas culturais que atravessam fronteiras e se perpetuam nas comunidades Huni Kuin atuais, que ainda mantêm vínculos binacionais e um contínuo processo de resistência cultural.

Assim, Joaquim Maná, 2022, destaca a relação intrínseca do povo Huni Kuin com seu território, instigando uma reflexão sobre sua atual localização na Amazônia Ocidental, entre as fronteiras do Brasil e do Peru. As aldeias Huni Kuin no Peru estão situadas ao longo dos rios Purus e Curanja, enquanto as aldeias no Brasil estão distribuídas pelos rios Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e Purus.

Conforme dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde do Brasil e da Base de Dados de Povos Indígenas ou Originários (INEI) do Ministério da Cultura do Peru, ambos disponibilizados pelo Instituto Socioambiental (ISA) em 2024, a maior parte da população Kaxinawá reside no Brasil, com uma estimativa de 11.729 indivíduos, segundo dados coletados em 2020. Em contraste, o número de Huni Kuin no território peruano é de apenas 2.419, conforme dados de 2007.

### **3 O CONTEXTO DO MULTILINGUISMO DO POVO HUNI KUIN**

Os Huni Kuin pertencem à família linguística Pano e possuem como língua materna o hãtxa kuin. Operam dentro de uma tradição essencialmente baseada na oralidade como modelo para transferência e práticas de conhecimentos. Fortemente ligada à sua cosmologia, rituais e modos de vida, a língua materna é um dos pilares da identidade Huni Kuin, como nos apresenta Joaquim Maná na sua dissertação de mestrado, em 2011.

No entanto, tendo em conta que desde o ciclo da borracha, no final do século XIX, o povo Huni Kuin foi forçado a migrar e dispersar-se pela região amazônica, o impacto cultural foi uma interação intensa com colonizadores e missionários, tanto brasileiros quanto peruanos. Esses encontros trouxeram o português e o espanhol como línguas de contato impostas através de contextos de trabalho forçado e evangelização, onde os Huni

Kuin passaram a incorporar o multilinguismo como forma de sobrevivência cultural e social.

Segundo Iglesias, 2008, o contato prolongado com colonizadores, missionários e agentes governamentais forçou a adaptação a esses idiomas, enquanto o hãtxa kuin foi em muitos casos perdido ou relegado ao âmbito privado. Hoje, o bilinguismo e até o trilinguismo são características comuns entre os Huni Kuin, que se veem forçados a utilizar o português para interações institucionais e o espanhol em contextos transfronteiriços.

Atualmente, o povo Huni Kuin enfrenta o desafio de se adaptar a um contexto multilinguístico, preservando ao mesmo tempo suas raízes culturais. No Brasil, as escolas situadas nas Terras Indígenas habitadas pelos Huni Kuin implementam políticas de educação bilíngue, fundamentadas na Constituição de 1988. Essas políticas promovem o ensino tanto da língua hãtxa kuin quanto do português, permitindo que as crianças adquiram conhecimentos em sua língua materna, ao mesmo tempo em que aprendem a língua oficial do país.

No Peru, embora a situação seja mais complexa devido à falta de políticas de educação bilíngue voltadas para o hãtxa kuin, as comunidades Huni Kuin realizam esforços comunitários para preservar a língua e transmiti-la oralmente. Esse multilinguismo forçado, que envolve o hãtxa kuin, o português e o espanhol, reflete a adaptação e resiliência do povo Huni Kuin frente às pressões de assimilação cultural.

#### **4 ANÁLISE DO FILME: AS VOLTAS DO KENE**

O filme *As Voltas do Kene* foi dirigido por Zezinho Yube, indígena Huni Kuin e filho de Joaquim Maná, em 2014. Através do recurso audiovisual Zezinho apresenta uma narração própria do seu povo e sua luta pelo reconhecimento, resgate e manutenção das tradições e práticas culturais Huni Kuin. Assim, com o intuito de registrar junto às mestras anciãs a resistência da arte gráfica tradicional, o kene, o filme percorre três aldeias separadas territorialmente e culturalmente por interferência dos povos não-indígenas brasileiros e peruanos.

Diante do espectador, mas também de Zezinho Yube e seu pai que o acompanha no processo do filme, abre-se um rico universo de memórias das mestras anciãs e seus



conhecimentos que seguem resistindo e sendo repassados, mesmo que de modos incompletos e divergentes devido à complexa situação migratória do povo Huni Kuin.

O roteiro busca documentar a arte gráfica do kene huni kuin, conhecimento tradicionalmente feminino entre os Huni Kuin. Para isso, Zezinho realiza uma viagem acompanhado de sua mãe e outros representantes de sua aldeia a uma outra comunidade situada no rio Jordão. No entanto, já no primeiro contato entre a equipe de filmagem e os membros desta segunda aldeia, ocorre uma recusa em relação ao intercâmbio cultural proposto. As razões apresentadas para a negativa incluem questionamentos sobre os interesses financeiros do filme, a finalidade da produção documental e a falta de disposição da liderança local para permitir a participação do comitê indígena sem compensação monetária. Esse episódio revela uma transformação resultante do isolamento geográfico da comunidade Huni Kuin e remete, ainda, a uma ideia de Mikhail Bakhtin (1997) que se faz presente na interação entre Zezinho Yube e a liderança local.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da "alma", fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio). A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Ela entra num diálogo em que o *sentido* não tem fim (entretanto ele pode ser fisicamente interrompido por qualquer um dos participantes). (Bakhtin, 1997, p.357)

Assim, observa-se que o diálogo entre os agentes narrativos, durante o momento de solicitação de permissão por parte de Zezinho, não resultou em uma resposta recíproca do interlocutor. A resposta refletiu, na verdade, uma orientação mais interessada nas potenciais vantagens financeiras associadas à exibição do filme. Embora a liderança local tenha articulado uma narrativa que parecia voltada à preservação da cultura Huni Kuin, sua intervenção carregava uma intencionalidade que distorcia o objetivo original de Zezinho Yube. O líder, ao apropriar-se da fala, reconfigurou a narrativa, afastando-a do propósito inicial de Zezinho junto aos seus parentes do Jordão. Essa postura remete às ideias de Mikhail Bakhtin (1997) sobre a complexidade dos atos discursivos e as dinâmicas de poder e intenção presentes na comunicação.

(...) Está na fronteira entre um e o outro. A palavra na linguagem é a metade

de alguém (...), existe em outras bocas, em outros contextos, servindo a outras intenções: é de lá que alguém pode tomar a palavra, e fazê-la sua própria. Expropriá-la, forçá-la a submeter-se à sua própria intenção e acento é um processo difícil e complicado. (Bakhtin, 1998, p.293-4)

Desse modo, torna-se evidente a tensão entre aqueles interessados em prosseguir a viagem pelo rio Jordão e os que pretendem cobrar pela presença dos visitantes Huni Kuin. Apesar de Zezinho Yube ter enunciado claramente, em sua narrativa documental, o compromisso de não lucrar com as filmagens, seu propósito não foi plenamente compreendido pelos interlocutores locais. Esse momento do documentário talvez sugira uma inquietante perspectiva sobre o futuro da comunidade originária Huni Kuin, revelando que o isolamento linguístico e geográfico pode estar ultrapassando o interesse autêntico pela preservação cultural de um povo irmão.

Apesar do risco iminente de perda cultural, Zezinho, como professor, exerce um papel persuasivo com seu comitê indígena, buscando engajar mais simpatizantes da epistemologia do kene nas três comunidades Huni Kuin. Assim, decide seguir com sua viagem, mesmo sem o consentimento dos primeiros parentes consultados, respeitando cada narrativa em sua complexidade e reconhecendo os diferentes interesses que permeiam a preservação ou a modificação cultural. Essa decisão remete a uma leitura bakhtiniana do discurso, que acolhe as múltiplas vozes e intenções dentro de um enunciado e reflete sobre as relações de poder e identidade presentes na comunicação.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. (Bakhtin, 1993, p. 46)

Após os primeiros embates discursivos entre os interessados na produção do filme e as lideranças da primeira aldeia do rio Jordão, as mulheres reúnem-se em um esforço pela preservação dos conhecimentos ancestrais transmitidos por gerações de mulheres Huni Kuin. Nesse contexto, as mulheres relatam que os homens da comunidade possuem um conhecimento limitado sobre aspectos de sua cultura, restringindo-se ao trabalho na roça de macaxeira, sem incentivo cultural para desenvolver ou aprender a técnica do kene.

É interessante notar que as mestras anciãs expressam também um conflito retórico próprio, utilizando os signos ideológicos em seus desenhos com a linha de algodão.

Embora resistentes em aceitar plenamente as interpretações de seus parentes quanto à autenticidade dos desenhos do kene, elas reconhecem que a origem desses traços conecta-se profundamente com a fauna e flora ao seu redor, revelando um vínculo simbólico com a natureza local.

... uma propriedade fundamental do organismo é a homeostasis ou a tentativa de conservar o próprio nível estrutural - isto é, o nível de informação possuída - e de contrapor-se à entropia. Todavia, o princípio já formulado por Darwin segundo o qual 'todo ser orgânico se reproduz em uma progressão veloz que, se não fosse submetido à destruição, a descendência de uma só cópia teria ocupado muito antes toda a Terra', sublinha o crescimento local da informação numa determinada parte do sistema energético geral (LÓTMAN, 1985, p.80; *apud* MACHADO, 2013, p. 151)

Na terceira aldeia, Zezinho Yube convoca uma reunião para conscientizar seus parentes Huni Kuin do Acre sobre a importância de preservar a cultura ancestral, buscando minimizar a interferência cultural de influências externas, especialmente dos não indígenas. Essas interferências, evidenciadas ao longo do documentário, incluem conflitos envolvendo a arte da dança, o artesanato, a religião e problemas como o uso de bebidas alcoólicas. Entre esses desafios, surge a recusa em ensinar ou compartilhar amostras dos kene por parte das mestras anciãs, motivadas pelo interesse financeiro na venda de redes e objetos decorados para compradores não indígenas. Essa dinâmica revela uma fronteira entre o compromisso com a cultura Huni Kuin e o surgimento de interesses financeiros que, infelizmente, ameaçam a continuidade e a integridade da rica tradição cultural do povo. Nesse contexto, é possível traçar um paralelo com as reflexões de Iúri Lótman sobre a tensão entre preservação cultural e trocas inter sistêmicas.

A noção de fronteira é ambivalente: tanto separa quanto une. É sempre fronteira de algo que pertence a ambos os lados da divisão cultural, a ambas semiosferas contíguas. A fronteira é bilíngue e polilíngue. A fronteira é um mecanismo para a tradução de textos de uma semiótica estrangeira em nossa linguagem. É o lugar onde o que é externo é transformado em interno, é o filtro da membrana que transforma o texto alheio e o torna parte da semiótica interna da semiosfera ainda que mantenha suas próprias características (LÓTMAN, 1990, p.136-137 *apud* MACHADO, 2013, p.152).

## **5 CONCLUSÃO**

Ao longo deste artigo, exploramos a forma como o filme *As Voltas do Kene*, de Zezinho Yube, oferece uma plataforma rica para analisar o multilinguismo e as dinâmicas

culturais dos Huni Kuin no contexto migratório, utilizando os conceitos bakhtinianos de dialogismo, heteroglossia e enunciado. A trajetória de deslocamento dos Huni Kuin, impulsionada pela violência do ciclo da borracha e pela busca de refúgio em áreas remotas, revela uma história de resistência e adaptação, na qual o multilinguismo surge como uma ferramenta tanto de sobrevivência quanto de preservação identitária.

A abordagem bakhtiniana demonstrou-se eficaz ao permitir a compreensão do multilinguismo Huni Kuin como um fenômeno dinâmico, no qual as línguas e as práticas culturais não se limitam a reproduzir uma tradição estática, mas se moldam em resposta aos encontros interculturais e às tensões do contexto histórico. As interações entre o hãtxa kuin, o português e o espanhol refletem não apenas uma adaptação às pressões externas, mas também um espaço de transformação, onde o povo Huni Kuin negocia e ressignifica sua identidade.

*As Voltas do Kene* não apenas documenta a arte do kene, mas também simboliza a luta pela continuidade de uma identidade cultural que resiste às forças de assimilação. A recusa de certas comunidades em participar da produção do filme aponta para as complexas relações internas, onde o passado histórico e as novas dinâmicas socioeconômicas geram distintas interpretações sobre o valor e a finalidade do compartilhamento cultural. Nesse sentido, o filme revela como os Huni Kuin articulam suas tradições em meio às pressões contemporâneas, reafirmando a importância de cada comunidade ter a liberdade de expressão em seu próprio contexto e segundo suas próprias necessidades e interesses.

Ademais, o propósito do texto foi apresentar considerações sobre as questões das políticas educacionais voltadas aos povos originários e suas lutas emancipatórias por um ensino próprio, feito de indígenas para indígenas. Esse modelo de educação prioriza questões fundamentais e urgentes, como a preservação cultural e linguística do povo Huni Kuin. Nesse contexto, programas de pós-graduação voltados ao estudo do ensino, como o PPEHL, têm se consolidado como espaços estratégicos para desafiar ideais excludentes e promover novos campos de estudo e pesquisa científica, contribuindo diretamente para fortalecer as demandas e os direitos dos povos originários.

Por fim, este estudo aponta a relevância de pesquisas interdisciplinares que promovam o diálogo entre teoria e prática, valorizando a produção audiovisual como um meio para o registro e o fortalecimento das culturas indígenas. Ao mesmo tempo, a aplicação da teoria bakhtiniana a estudos sobre povos indígenas como os Huni Kuin abre

novas perspectivas para a compreensão do multilinguismo e da interação cultural, enfatizando que as línguas e práticas culturais são espaços vivos de resistência e de recriação, onde a voz dos indivíduos e das comunidades se faz presente.

### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, HUCITEC, 1997.

CHRISTINO, Beatriz. “*Hoje nós não somos mais Huni Kuin só na nossa língua*”: o português Kaxinawá em interações transculturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 3, p. 1486–1511, set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138653690442341>. Acesso em 16 out. 2024.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao). Acesso em: 16 out. 2024

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009 (Série Monografias)

IGLESIAS, Marcelo Piedrafita; AQUINO, Terri Valle de. **Povos e terras indígenas no Estado do Acre: Caderno Temático - Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico - Fase II**. Rio Branco: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais, 2005.

IGLESIAS, Marcelo Manuel Piedrafita. **Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Huni Kuin (Kaxinawá)*. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni\\_Kuin\\_\(Kaxinaw%C3%A1\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni_Kuin_(Kaxinaw%C3%A1)). Acesso em: 16 out. 2024.

KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. **Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kui: de Capistrano de Abreu aos dias atuais**. 2011. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MACHADO, Irene. *Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura*. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 136–156, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200009>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PPG ARTES CÊNICAS - UFAC. *Defesa de Dissertação - Discente Evanildo da Silva Albuquerque Kaxinawá (Dasu Inu Bake Huni Kuĩ)*. [s.l.]: YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bYEblw5117s>. Acesso em: 14 out. 2024.

ZEZINHO YUBE. *As voltas do kene*, Vídeo nas aldeias, 2010.